FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 27/06/2024 - 05:59

Militares tentam dar golpe na Bolívia, e governo reage

Manifestante chuta granada de gás lacrimogêneo em meio a tumultos após tentativa de golpe de Estado em La Paz, na Bolívia Claudia Morales/Reuters

Militares rebeldes tentam dar golpe de Estado na Bolívia, e governo reage

General mobiliza tropas, fracassa e é preso, mas acusa presidente Luis Arce de forjar autogolpe

Víctor Lacombe

SÃO PAULO Militares das Forças Armadas da Bolívia tentaram dar um golpe de Estado no país nesta quarta-feira (26) e chegaram a tomar a praça em La Paz onde fica o palácio presidencial, com soldados adentrando o prédio liderados por um general que havia sido destituído do cargo na terça-feira (25).

O presidente boliviano, Luis Arce, ordenou que o general Juan José Zúñiga desmobilizasse as tropas imediatamente e em seguida demitiu os três chefes das Forças Armadas e nomeou seus substitutos. O novo comandante do Exército, José Wilson Sánchez, repetiu a ordem para que as tropas se retirassem.

Depois de horas de tensão, os soldados obedeceram e deixaram a Praça Murillo, incluindo Zúñiga. A polícia assumiu o controle do local, onde fica a sede da Presidência da Bolívia. O general, por sua vez, foi preso pelas autoridades bolivianas, mas disse que a ação foi incentivada pelo próprio Arce, que teria arquitetado um autogolpe para aumentar sua popularidade. Ele não apresentou, contudo, evidências que comprovem sua acusação.

"O país enfrenta uma tentativa de golpe de Estado", disse Arce, enquanto as tropas golpistas ainda ocupavam a Praça Murillo . "Hoje, mais uma vez, o país enfrenta interesses que querem acabar com a democracia na Bolívia. Eu convoco o povo boliviano a se organizar e se mobilizar contra o golpe de Estado e a favor da democracia."

Vídeos compartilhados na internet mostraram um blindado do Exército se chocando contra a entrada do palácio presidencial e soldados entrando no prédio. Antes disso, tropas foram vistas marchando pelas ruas da capital.

Zúñiga havia dito no início da tarde que "por enquanto" reconhecia Arce como chefe das Forças Armadas, mas que haveria uma troca ministerial no governo. Ele havia sido removido do posto de comandante do Exército depois de fazer ameaças contra o ex-presidente Evo Morales.

O cenário da tentativa de golpe na Bolívia

Dados cartográficos ©2024 Google

"Os três chefes das Forças Armadas viemos expressar nossa discordância. Vai haver um novo gabinete de ministros, com certeza as coisas vão mudar, mas nosso país não pode continuar desse jeito", disse Zúñiga à mídia local depois que suas tropas tomaram a Praça Murillo.

Ele afirmou que libertaria "prisioneiros políticos", incluindo a ex-presidente Jeanine Áñez, condenada a dez anos de prisão em junho de 2022 por ter organizado um golpe de Estado contra Evo em 2019.

Áñez, porém, não endossou a aventura golpista. Ela se pronunciou por meio do X para condenar a tentativa de golpe de Zúñiga. "Repudio completamente a mobilização militar que tenta subverter a ordem constitucional. Arce e Evo devem ser removidos por meio do voto em 2025. Nós, bolivianos, defenderemos a democracia". Não está claro se a fala foi publicada por uma equipe, uma vez que a ex-presidente está presa.

Linha do tempo da política boliviana

Evo chega ao poder
Evo Morales é eleito presidente em 2005 e se reelege para novos mandatos em 2009 e 2014

Referendo de 2016
Em referendo sobre nova reeleição, Evo é derrotado. Mesmo assim, ele decide ser candidato novamente

Pleito de 2019
Em meio a acusações de fraude e protestos, Evo busca asilo no México

Exílio e retorno de Evo
Evo retorna à Bolívia após vitória de Luis Arce, do MAS, em 2020

Tentativa de golpe
Em meio a racha no MAS, militares tomam a praça Murillo, que inclui a sede da Presidência boliviana

De acordo com a imprensa boliviana, Zúñiga entrou no palácio, conversou com Arce e depois saiu do prédio. Antes de se retirarem, as tropas golpistas, fortemente armadas, dispararam bombas de gás contra civis que tentaram entrar na praça.

Zúñiga fez um curto pronunciamento antes de entrar no palácio presidencial. "Parem de destruir o país, parem de empobrecer o país, parem de humilhar o Exército", afirmou, insistindo que a ação tinha o apoio da população boliviana.

O general havia sido removido do cargo depois de uma série de ameaças contra Evo, dizendo que ele "não pode mais ser presidente desse país", fazendo referência aos planos do líder de esquerda de concorrer novamente nas eleições presidenciais de 2025. O ex-presidente anunciou que pretende se candidatar contra Arce, seu afilhado político, mas de quem se distanciou nos últimos meses.

"Caso cheguemos a isto", disse Zúñiga em uma entrevista na segunda (24), "não permitirei que pisoteie a Constituição, que desobedeça o mandato do povo". Afirmou ainda que "as Forças Armadas são o braço armado do povo, o braço armado da pátria".

Evo respondeu que ameaças desse tipo não têm precedente na democracia e pressionou o governo Arce, dizendo que se a fala não fosse desautorizada pelo presidente e pelo ministro da Defesa, "estará comprovado que na verdade estão autorizando um autogolpe".

Com a Praça Murillo já de volta a algo mais parecido com a normalidade, Arce foi à varanda do palácio presidencial e fez um novo discurso. "Ninguém pode nos tirar a democracia que conquistamos", afirmou a apoiadores ao lado do vice-presidente, David Choquehuanca. Este, por sua vez, elogiou "a valentia" de Arce "quando havia um tanque na porta do palácio".

Os bolivianos presentes, depois de gritos de "democracia, democracia" e "golpistas não passarão", responderam cantando em coro o hino nacional.

Com Reuters

REPERCUSSÃO

Lula,
presidente do Brasil
"A posição do Brasil é clara. Sou um amante da democracia e quero que ela prevaleça em toda a América Latina. Condenamos qualquer forma de golpe de Estado na Bolívia e reafirmamos nosso compromisso com o povo e a democracia no país irmão, presidido por Luis Arce."

Gabriel Boric,
presidente do Chile
"Do Chile expresso minha preocupação pela situação na Bolívia. Expressamos o nosso apoio à democracia no nosso país irmão e ao governo legítimo de Luis Arce. Condenamos veementemente a inaceitável ação de força por parte de um sector do Exército daquele país."

Andrés Manuel López Obrador,
presidente do México
"Expressamos a mais veemente condenação à tentativa de golpe de Estado na Bolívia. Nosso total apoio e apoio ao presidente Luis Arce, autêntica autoridade democrática dessa cidade e país irmão."

Santiago Peña,
presidente do Paraguai
"O Paraguai condena as mobilizações irregulares do exército boliviano denunciadas pelo presidente Luis Arce. Fazemos um forte apelo ao respeito pela democracia e pelo Estado de Direito."

Pedro Sánchez,
premiê da Espanha
"A Espanha condena veementemente os movimentos militares na Bolívia. Enviamos ao Governo da Bolívia e ao seu povo o nosso apoio e solidariedade e apelamos a que respeitem a democracia e o Estado de direito."

Racha entre Arce e Evo torna país vulnerável a ruptura

ANÁLISE

Sylvia Colombo
Colunista da Folha, é historiadora e jornalista especializada em América Latina.

BUENOS AIRES A tentativa de golpe de Estado ocorrida nesta quarta-feira (26), quando soldados e um tanque militar tentaram invadir o Palácio Queimado, sede do governo boliviano, ocorre num momento em que a rixa entre o atual presidente, Luis Arce, e seu padrinho político, o ex-presidente Evo Morales, chega a seus níveis mais extremos.

Ainda que as intenções do líder da tentativa de golpe militar, o general Juan José Zúñiga, não estejam totalmente esclarecidas, é evidente que a irritação dos setores que apoiaram esse gesto injustificável se explica pela continuidade do protagonismo do MAS (Movimento ao Socialismo) —partido criado por Evo e ao qual Arce pertencia— na política boliviana e a disputa entre ambas as figuras políticas.

Arce já vinha sinalizando a possibilidade de que houvesse um "golpe light", por meio de ameaças e ataques com a finalidade de encurtar seu mandato. "Querem destruir o Estado Plurinacional e nosso modelo econômico já consolidado", disse o ministro da Economia, Marcelo Montenegro.

A rivalidade entre Arce e Evo rachou o MAS. Arce havia sido eleito em 2020, e as fricções com Evo começaram em 2023, quando este anunciou que ia novamente tentar burlar a Constituição de 2009, promulgada por seu governo e que impedia um terceiro mandato.

Havia sido por conta desse mesmo motivo que, em 2019, uma enorme crise política e social se agravou e levou à renúncia de Evo e ao governo ilegítimo e interino de Jeanine Áñez, hoje condenada e presa.

Enquanto Arce vinha manifestando sua intenção de buscar a reeleição —algo que está dentro da lei—, Evo seguia inventando estratégias para que uma nova candidatura sua fosse válida. Chegou até a convocar um plebiscito, em que a população disse não.

Evo é uma figura de muito peso na Bolívia. Seus dois primeiros mandatos, de 2006 a 2015, são uma lembrança positiva para grande parte da população, pois ele foi responsável por transferências de verbas por meio de aumento do gasto público e acesso a recursos a uma fatia social marcadamente indígena, discriminada e empobrecida.

A partir do ano passado, Evo começou a fazer campanha para uma nova eleição. E, num Congresso do MAS, presidente e ex-presidente discutiram. Arce afirma que a intenção de Evo de concorrer novamente é ilegal. Este acusa o pupilo de não ser leal a ele, que apoiou sua candidatura.

Com isso, o ex-presidente ordenou que os congressistas do MAS bloqueassem os pedidos e projetos do presidente, isolando-o no poder.

Nascido em 1997, para defender os interesses dos cultivadores de coca, o MAS consolidou-se como a mais importante força política da Bolívia, sustentando as reformas que transformaram o país. Uma pena que uma disputa de egos coloque sua fortaleza em risco, tornando a nação mais vulnerável a um golpe militar.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 14

Copyright © Clipclap 2025.